

COVID 19

Ensinar e Aprender no tempo do (pós) confinamento

O que aprendemos entre março e junho de 2020?



José Matias Alves e Ilídia Cabral (Ed.)

Julho 2020

Ficha Técnica

Título: COVID 19 - Ensinar e Aprender no tempo do (pós) confinamento.

O que aprendemos entre março e junho de 2020?

Autores: Adília Cruz, Alexandra Carneiro, Ana Luísa Melo, Ana Paula Silva, António Oliveira, Carla Baptista, Celeste Simão, Cristina Palmeirão, Helder Martins, Helena Azevedo, Isabel Lage, Janete Ruiz, Jorge Machado, Jorge do Nascimento, Vítor Sousa, José Afonso Baptista, José Matias Alves, Letícia Silva, Lídia Santos Sousa, Luis Fernandes, Maria do Céu Roldão, Maria José Tavares, Manuela Gama, Marisa Carvalho, Pedro Jesus, Sónia Lopes, Vítor Alaiz

Organização e edição: José Matias Alves & Ilídia Cabral

Paginação: Francisco Martins

Local de edição: Porto

Editor: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Data: julho de 2020

ISBN: 978-989-54364-7-7

Quando a escola não era o que agora é.

(Educar entre tensões e paradoxos)

Cristina Palmeirão | cpalmeirao@porto.ucp.pt



Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Investigação para o Desenvolvimento

1. A educação enquanto preocupação⁶

Todas as pessoas sensatas reflectem intensamente, ou pelo menos consagram muito do seu tempo, a questões relativas ao ensino superior, secundário e elementar, à educação destinada às crianças, aos adolescentes e adultos, às nações bárbaras e civilizadas, aos cidadãos e estados de todo o tipo, aos membros das assembleias legislativas, aos administradores, aos quadros sindicais *et caetera*.

Weil, 2000, p. 55.

É verdade. O Convid19 forçou o surgimento de um mundo novo de cuidados e a emergência de algo inédito nas escolas e na educação – estudo [escola] em casa, alterando rotinas (escolares, familiares, entre professores e entre alunos), modos de ensinar e aprender.

A preocupação foi e é assegurar a educação justa para todos. No limite, o sonho é criar ambientes pedagógicos positivos capazes de promover aprendizagens e competências essenciais para encarar o futuro com confiança e sem temor. Objetos que requerem a conceção e a estruturação de ações educativas ricas em empatia e criatividade.

Com isto em mente, avançam-se hipóteses milionárias para que no próximo ano letivo possam os alunos ter acesso facilitado a equipamentos informáticos e o empenho para o “acesso universal à internet”. Um desiderato ambicioso que, se realizado, potenciará a expansão das sociedades digitais e um risco latente, quer ao nível dos laços

⁶ Adaptado de Weil, E. (2000).

humanos, pelo aumento das “relações de bolso”, enquanto “encarnação da instantaneidade” (Bauman, 2003, p. 39), quer ao nível da concretização das competências prescritas no perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória, por dificuldades de uma avaliação efetiva dos seus impactos, em particular no domínio das competências atitudinais por impossibilidade de as praticar em contextos escolares e/ou sociais interpares e entre professor-aluno e aluno-professor.

A este risco associam-se outros, de diferente natureza (e.g. organização do espaço, práticas pedagógicas, organização escolar), que demandam um plano de ação estratégica flexível, capaz de criar as melhores condições de segurança e de aprendizagem para toda a comunidade educativa.

É óbvio que a democratização do acesso às tecnologias e à internet, em contexto escolar, é uma mais-valia de grande impacto na vida da maioria dos nossos alunos e um possível preditor de motivação e de sucesso educativo, porque omnipresente desde sempre nos seus contextos de vida social e mesmo pessoal. Todavia, exígua, se incapaz de prover uma abordagem e uma metodologia educativa integrada, plural e interpessoal.

Repare-se, porém, que o acesso universal às ferramentas tecnológicas apenas permite usufruir de um outro recurso didático, com estrutura para potenciar aprendizagens individuais e coletivas. A perspetiva da aplicação de modelos educativos suportados por ferramentas tecnológicas é agora entendida como interessante e fulcral até para responder as necessidades do tempo presente. Mesmo assim, as opiniões divergem. Professores e alunos aceitam como imperativo de continuidade de um tempo de pandemia que mantem o acesso físico às escolas irrealizável. Mas, a ter opção, preferem o modelo presencial ou, como alternativa, um modelo híbrido de ensino e de aprendizagem, onde se conjuguem e articulem tempos presenciais e tempos *online* e, portanto, um modelo *b-learning*. E, a ser assim, torna-se necessário desenvolver planos de formação específica e especializada para otimizar as potencialidades destes equipamentos tecnológicos e munir professores e alunos com aptidões para o bom usufruto destas ferramentas.

2. A educação como uma necessidade de vida em comunidade

A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta.

Delors *et al*, 1997, p. 84.

A continuidade da vida humana exige um aprender constante, enquanto necessidade para viver bem consigo e com os outros. Nesse desafio, importa intensificar esforços e parcerias capazes de introduzir e promover mecanismos que atuam no sentido das aprendizagens amplas e profundas, para tanto quanto possível, nos tornarmos donos dos nossos próprios destinos. “Entendermo-nos é um projecto ético. Inclui escutar atentamente, considerar os argumentos dos outros, expor os nossos, e estarmos dispostos a rendermo-nos perante a evidência mais forte” (Marina, 2007, p. 116). Um propósito que a educação e apenas a educação permite perspetivar e fazer.

A necessidade de comunidade que o confinamento nos mostrou quanto às nossas vidas familiares e ao papel da escola junto das famílias, junto das crianças, jovens e adultos desencadeou uma onda de valorização da escola e da educação enquanto possibilidade para se ser melhor pessoa e, também, o conhecimento necessário para aproximar gerações que permanecem ainda isoladas em contexto de vida frágeis e sem o acesso básico às novas tecnologias. “Chegar aos que continuam excluídos da educação não exige apenas o desenvolvimento dos sistemas educativos existentes; é necessário, também, conceber e aperfeiçoar modelos e sistemas novos destinados expressamente a este ou àquele grupo, no quadro de um esforço concertado que tenha em vista dar a cada criança e adulto uma educação básica pertinente e de qualidade” (Delors *et al*, 1997, p. 105).

3. O sentido de futuro da escola: tensões e paradoxos

O ensino deve ter tão pluralista como a própria sociedade e nesta é conveniente que possam ter lugar, estilos e inflexões diferentes.

Savater, 2006, p. 174.

Grandes são os desafios postos à escola e à educação. Mais agora que vivemos num mundo novo de cuidados e que nos exige coragem para pensar um tempo como nunca tínhamos tido nenhum. Estamos mesmo a braços com o acontecimento que

concentra nele os acontecimentos que nunca tiveram lugar e que nos obriga a aprender a conviver juntos a uma distância pública mínima de dois metros – o coronavírus está por todo o mundo “atacando” pessoas cada vez mais jovens ...

Os discursos e as análises trazem à palavra as tensões e os paradoxos das sociedades contemporâneas e a possibilidade latente de uma crise mundial sem precedentes. Na educação a questão que nos ocupa de forma mais presente é: “como vão ser as aulas no próximo ano letivo?”, que pode ocultar a questão essencial e que tem a ver com “o que é importante que a escola seja capaz de fazer nestes tempos de futuro invisível?”.

Afinal de contas (alegradamente) o futuro já está definido! Nos órgãos de comunicação a informação reiterada é que **“O próximo ano letivo vai ter aulas presenciais e vai ser mais longo, de acordo com o ministro da Educação, que anuncia esta sexta-feira [3 julho 2020] as novas regras e medidas a serem tomadas pelas escolas a partir de setembro” (SIC Notícias, 03.07.2020).**

Uma situação complexa conquanto representa um enorme esforço e muito trabalho para as escolas, porque comporta medidas de grande exigência para toda a comunidade educativa, em particular para os alunos, professores e pessoal não docente. Mais ainda quando se reconhece que o ano letivo cessante foi, nas palavras de João Costa (2020), tempo de trabalho intenso.

Os professores reinventaram-se para tentar não perder os alunos. As escolas reconfiguraram-se para garantir refeições, terapias, acolhimento aos mais desprotegidos. Os municípios foram parceiros da inclusão. O Ministério da Educação trabalhou em conjunto com as escolas, disponibilizando orientações, recursos, estabelecendo parcerias nesta corrida injusta em que a aprendizagem se viu mais comprometida.

João Costa, 2020

Estudar e aprender nestas condições é no mínimo estranho e de imensa responsabilidade já que subsiste a necessidade de nos prepararmos para o pior, mas de trabalharmos para o melhor.

É facto. As escolas estão à beira de um abismo! Têm grande dificuldade para perspetivar o seu futuro e, nesse desafio (permanente), inovar para mudar a escola estabelece a necessidade de continuarmos a questionarmo-nos sempre: Porque é que

as escolas são como são? Como podemos melhorar as Escolas? Como garantir a qualidade da educação?

Referencias bibliográficas:

Bauman, Z. (2003). *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio D'Água.

Como vão ser as aulas a partir de setembro? In SIC Notícias, <https://sicnoticias.pt/pais/2020-07-03-Como-va-ser-as-aulas-a-partir-de-setembro->, 10 julho 2020

Costa, J. (2020). *Os rankings do nosso descontentamento*. In <https://www.comregras.com/os-rankings-do-nosso-descontentamento-joao-costa/>, 11.07.2020.

Delors, J. et al (1997). *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre o século XXI*. Porto: Edições Asa.

Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares, In https://www.dgeste.mec.pt/wp-content/uploads/2020/07/Orientacoes-DGESTE_DGE_DGS-20_21.pdf, 12.07.2020.

Marina, J. (2007). *Aprender a conviver*. Lisboa: Sextante Editora.

Savater, F. (2006). *O valor de educar*. Lisboa: Dom Quixote